

Os trajés e as crianças: uma análise sobre indumentária infantil e seus padrões de gênero (1883-1918)

Isabela Brasil Magno¹

Este trabalho teve início dentro do projeto de extensão “Cultura Material e Gênero: A história das mulheres no Museu Paranaense”. O projeto era uma parceria entre o Departamento de História da UFPR e o museu acima citado e tinha como objetivo tematizar uma história voltada às perspectivas de gênero dentro desta instituição. No caso dessa pesquisa mais especificamente, a análise se centra sobre moda infantil. As fontes deste trabalho são as revistas femininas que constam no Museu Paranaense, em recorte que abrange um período que vai de 1883 até 1918. Os títulos analisados são: *A Estação: jornal ilustrado para a família*, *Die Modenwelt*, *a Rainha da Moda*, *Mode und Haus*, *Moda y Passatiempos*, *Die Elegant Mode*, *Ouvrages de Dames*, *Au Prin Temps*. O primeiro capítulo é voltado a refletir sobre a coleção das revistas do museu, as questões que envolvem as suas produções e circulações, e a maneira como o conteúdo que vinculavam se articulava com a elaboração de padrões de gênero. No segundo capítulo são abordadas questões ligadas à produção das subjetividades a partir das roupas, questões teóricas acerca das percepções de gênero e o conceito

¹Mestranda em História a Universidade Federal do Paraná

de infância na modernidade e a sua construção. Também serão trabalhadas mais especificamente, a partir da análise das fontes, as relações estabelecidas entre o vestuário infantil do final do século XIX e início do século XX com as percepções da infância moderna e os processos de construção da masculinidade e feminilidade.

No primeiro capítulo são estabelecidas algumas reflexões a respeito de concepções como feminilidade e maternidade e das maneiras como são retratadas nas revistas femininas. Para tanto é feito um breve histórico desse tipo de publicação. O primeiro periódico produzido para o público feminino teria sido o inglês *Lady's Mercury* no século XVII, de acordo com Dulcília Buitoni². No Brasil, o surgimento da imprensa feminina se daria no século XIX. Segundo Carla Bassanezi³, que trata de revistas femininas nos anos 1950 e 1960, esses periódicos tinham como um dos principais objetivos instruírem a mulher para ser uma “rainha do lar”. Ainda que fale de um período bem posterior ao das fontes deste trabalho, essa construção da imagem da “rainha do lar” já pode ser encontrada nos periódicos de fins do século XIX. Isto pode ser percebido pelas próprias seções das revistas e de suas principais temáticas. Em *A Estação*, isto é notado em uma “Chronica” que versa sobre golas:

²BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

³BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del.(org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.

Algumas senhoras preferem bordar seus nomes sobre estes collares, é mais singello mas parece me inútil dizer seu nome a toda gente. A mulher tem tudo a ganhar conservando-se na mais absoluta simplicidade e evitando afirmar o seu caráter e suas preferencias por manifestações d'esta ordem⁴

O caráter normativo dessas publicações também pode ser percebido em outro assunto que recebe muito destaque nas revistas voltadas às mulheres: a maternidade. A centralidade da maternidade e da família na vida dessas mulheres, de acordo com que afirmavam essas revistas, torna indissociável uma discussão entre feminilidade e uma das temáticas principais deste trabalho: a Infância. De acordo com Philippe Ariès⁵, os surgimentos das concepções modernas de família e de infância no século XVII não só foram concomitantes como complementares. Teria sido nesse período que se deu o nascimento e o fortalecimento de um sentimento de família. Segundo Badinter⁶, antes deste século recairia sobre as crianças um desinteresse geral por parte da sociedade e de seus pais e mães. Seria principalmente no século XVIII que entraria em voga um novo valor: o do amor materno, em que o cuidado das mães para os filhos passa a ser central na maneira da

⁴ *A Estação*, n.23. Abril, 1884, p.1

⁵ ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

⁶ BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

sociedade ocidental em lidar com as crianças. Um dos principais elementos deste cuidado seria o zelo com a higiene e a saúde familiar, principalmente infantil. Essa preocupação com a saúde e higiene fica evidente, sobretudo em *Moda y Passatiempos*, ainda que as demais publicações também tragam textos sobre o asseio do lar e das crianças. A revista em espanhol se destaca por possuir uma seção exclusiva dedicada a conselhos médicos, intitulada “El Consejero médico”. O seguinte texto está disponível na primeira edição da coleção do museu:

La misión del médico sería mucho más hermosa si se extendiera á la conservación de la salud, en vez de limitarsé á curacion de las. De este modo se evitaría la explotacion del enfermo rico por médicos pouco escrupulosos, y al mesmo tiempo desaparecería la desconfianza de muchas familias. En toda a casa debería procurar-se el concurso de um doctor que velase por la salud, adoptando contantes medidas higiénicas y haciendo innecerarios en muchos casos los recursos teraueuticos. Tal es la ideia que desaríamos propagar.⁷

A partir da leitura do livro de Ariès e da análise das revistas, fica clara a existência de uma relação muito próxima entre feminilidade, na sua faceta da maternidade, com a construção e manutenção da infância moderna. Para além da questão médica, o autor indica outro elemento que teria feito parte das construções dos sentimentos de infância e de família: a indumentária. As roupas e acessórios seriam também de

⁷*Moda y Passatiempos*, n.5, v.12, maio 1915, p. 11

fundamental importância nessa relação estabelecida entre mulheres, maternidade e infância. Mescladas nas páginas de moda em geral, ou separadas em seções exclusivas, as roupas de criança se fazem extremamente presentes nas revistas da coleção do Museu Paranaense. A sua massiva assiduidade demonstra que para além de cuidar da saúde das crianças, deveriam também as mulheres zelar pela vestimenta dos pequenos. Para Roveri⁸ muito além de uma obrigação atrelada à maternidade e às obrigações domésticas a costura era uma forma das mulheres exercerem criatividade. Essa abertura a um mundo de fantasias e de opções que a costura e a moda possibilitava as mulheres algumas vezes é abordada explicitamente nas revistas do Museu Paranaense. Na seção “Les arts de Las Femmes” da revista *Journal des Dames* é dito que: “Nous vous indiquons dans cet article une série de petits travaux d’une exécution simple et qui ne seront qu’une occasion d’étudier avec vous fantasies que peut voes votre imagination intérieur.”⁹ Esta passagem indica que o trabalho manual feminino era uma maneira que as mulheres encontravam de exprimir suas vontades e povoar o seu mundo, o ambiente doméstico, com itens de sua autoria. A temática da “fantasia” é muito significativa para os laços estabelecidos

⁸ROVERI, Fernanda. **A roupa infantil nas revistas destinadas às crianças (década de 1950):** modos de educar os corpos de meninos e meninas. In: *IX Congreso Argentino y IV Latinoamericano de Educación Física y Ciencias*. 2014.

⁹Tradução livre: Nós mostramos neste artigo uma série de pequenas obras de uma execução simples e que será apenas uma ocasião para estudar com você fantasias que podem expressar sua imaginação interior. *Journal des Dames*, n.518, maio, 1914.

entre feminilidade e infância neste período. Um mundo “fantástico”, repleto de imaginação, seria muito restrito à infância, contudo, a partir dos trabalhos manuais as mulheres teriam acesso a ele e poderiam compartilhá-lo com seus filhos, e assim deixar por alguns instantes a sua vida tão restrita ao ambiente doméstico e as suas obrigações.

O segundo capítulo é voltado a reflexões sobre as relações estabelecidas entre indumentária e os padrões que regiam as concepções de gênero na infância no final do século XIX e início do XX. Para tanto, se contempla uma discussão sobre o vestir-se, sobre as construções das subjetividades e as relações de gênero que estão ligadas a esses processos. Em relação à indumentária, a obra *Trecos, troços e coisas* do antropólogo Daniel Miller¹⁰ é de fundamental importância para a construção deste trabalho. Este autor rejeita as concepções da teoria semiótica ligadas aos estudos da indumentária e afirma que esta não é uma mera forma de representação de uma verdade natural do sujeito, mas que seria um mecanismo muito relevante, com um papel ativo, nos processos de construção das identidades humanas. Outra noção que auxilia a entender a relevância para os estudos históricos da leitura/análise das vestimentas infantis presentes nas Revistas de Moda

¹⁰ MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Por que a indumentária não é algo superficial. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2013.

do museu são as reflexões da filósofa Judith Butler¹¹ que defende que o gênero é sempre um feito, uma ação corporal. Assim como Miller, Butler nega a existência de uma verdade interior pré-discursiva que constituiria a identidade dos indivíduos. A filósofa defende uma complexidade nas produções dos gêneros, que não teriam apenas um ponto de origem rastreável e imutável.

Para compreender melhor esses processos de construção dos gêneros e suas relações com a indumentária a infância foi tomada como campo privilegiado de análise. Uma obra de fundamental importância para a compreensão da infância como elemento constituído socialmente e os processos ligados à sua elaboração é o já citado *História Social da Infância e da Família* de Ariès. Como já foi abordado, este autor encara o século XVII como o espaço temporal que deu início à criação da concepção e do sentimento da infância moderna, que perdura, com variações e transformações, até os dias atuais. Segundo Ariès, as transformações dos trajes destinados às crianças da Idade Média à Modernidade demonstram a particularização da infância. Até o século XVI, aproximadamente, assim que as crianças deixavam os cueiros eram vestidas conforme os homens e mulheres adultos de sua condição social. No século XVII, contudo, uma vestimenta pensada especialmente para as crianças passou a ser usada. Os vestidos eram os

¹¹ BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].

modelos de roupas por excelência dos meninos até 8 anos de idade, aproximadamente. Áriès aborda brevemente os trajes infantis do século XIX. Segundo ele, na era contemporânea, os vestidos continuariam predominando no vestuário das crianças pequenas, e diferentemente dos séculos anteriores, os vestidos destinados a meninas e meninos passaram a ser praticamente iguais. Na coleção de Revistas do Museu Paraense esta acepção geral se faz presente, mas com algumas diferenciações.

Nas imagens analisadas, as roupas destinadas para bebês, ou seja, para crianças com menos de 1 ano de idade, não têm distinção de gênero. Essas roupas tinham como principal característica um grande comprimento. Na faixa etária de 1 a 2 anos os vestidos continuam a ser o modelo quase que exclusivo. Sua principal diferença para seus predecessores é que se tratam de vestidos mais curtos, visando provavelmente uma maior mobilidade das crianças. A profusão de rendas e babados se faz muito presente nestes modelos, sobretudo os do século XIX e dos primeiros anos do século XX. Nas edições analisadas de *A Estação* e *Die Modenwelt*, que vai até 1901, há alguns raros casos de modelos designados apenas a um gênero na faixa etária de 1 a 2 anos. Nas edições de 1915 os vestidos destinados a ambos os gêneros passam a ser cada vez mais raros. Vestidos específicos para meninos se caracterizam por em geral serem mais retos e com menos adereços que as roupas destinadas às meninas. No final do século XIX, a presença de

vestidos diferentes para meninos ou meninas seria percebida somente a partir da faixa etária dos 2 aos 6 anos. É interessante notar que em alguns casos já há a presença do uso de calças por meninos a partir dos 2 anos. Quanto mais velhos dentro desta faixa etária dos 2 aos 6 anos, mais as calças se fazem presentes no vestuário. Na década de 10 do século XX isto é ainda mais visível, praticamente inexistindo vestidos para meninos acima dos 4 anos de idade. Apesar dos calções já estarem presentes nessa faixa etária desde o final do século XIX, para uma faixa etária que vai dos 3 aos 6 anos de idade, aproximadamente, um modelo intermediário entre o vestido e o calção é o predominante entre os vestuários de meninos. Trata-se de uma espécie de bata ou blusa com saia sobre uma bermuda justa ao corpo, denominada genericamente de “costume”. Para meninos maiores de 6 anos, desde o final do século XIX o modelo exclusivo de roupa se constitui pelas calças curtas (denominadas de calções) de cintura alta geralmente em conjunto com blusas e casacos de comprimento mais curto. Desde o século XIX esses conjuntos destinados aos meninos mais velhos se diferenciam das roupas de meninas das suas idades pelo corte extremamente reto e pela ausência dos detalhes. Há alguns modelos de roupas para rapazes de 14 a 16 anos, que são muito semelhantes aos trajes masculinos adultos e em alguns casos já apresentam calças compridas.

As diferentes etapas do vestuário masculino infantil podem ser compreendidas como a maneira pela qual a sociedade através da

indumentária constituía o processo de construção da masculinidade e simbolizava as suas diferentes temporalidades. A característica principal desse processo seria uma paulatina retirada dos símbolos femininos das roupas dos meninos, tendo como elemento central a substituição sucessiva dos vestidos pelas calças. Essa transformação seria menos brusca que nos séculos anteriores, pois os próprios modelos de roupas vão apagando aos poucos o formato das saias para substituí-los pelos calções, como já colocado. Conforme consta nas fontes, um elemento distintivo dos homens para os meninos é a presença de calças compridas. Ou seja, os jovens só teriam completado seu processo de masculinização quando comessem a usar calças compridas, o que ocorria por volta dos 14 aos 16 anos, como indicado pelas revistas.

A indumentária feminina infantil varia pouco se comparada à indumentária feminina adulta. A maior diferença entre ambas está no comprimento das saias, que vão aumentando conforme a faixa etária da menina até cobrirem os pés nos vestidos adultos. A altura das cinturas também varia para as meninas menores o padrão é uma cintura baixa ou mediana, para meninas maiores e para as mulheres adultas a cintura é alta. A última faixa etária apontada pelas revistas do século XIX e dos primeiros anos do século XX às meninas é dos 10 aos 13 anos em *Die Modenwelt* 10 aos 12 anos em *A Estação e Moda y Passatiempos*, o que leva à conclusão que após essa faixa etária as meninas eram vestidas com roupas adultas. Para Roveri, a atribuição de adereços como os

laços, rendas, bordados, os modelos fofos e esvoaçantes às roupas das crianças era a forma por excelência dos adultos projetarem a principal característica do imaginário coletivo da infância moderna: a aura de inocência, que remetia aos preceitos cristãos de moralidade. Esta maneira de vestir as crianças seria uma tentativa dos adultos de ordenar por meio da visualidade um espaço de beleza e decência no qual os pequenos deveriam obrigatoriamente se inserir, sobretudo os da classe mais abastada, atitude extremamente atrelada às noções higienistas abordadas no primeiro capítulo. Ou seja, as noções de pureza e impureza remetiam ambigualmente a um estado físico das crianças, que podia ser medido a partir de suas vestimentas e da suntuosidade dela, e também a uma moral religiosa. Esses símbolos de pureza desapareciam do vestuário masculino ao mesmo tempo em que se perpetuavam por toda moda feminina, reforçando o caráter infantil das mulheres adultas.

A análise das imagens das vestimentas de crianças da coleção de revistas femininas do Museu Paranaense mostra a impossibilidade de se separar um estudo da infância com as relações de gênero que a permeiam. Primeiramente, no caso destas fontes, por se tratarem de ilustrações veiculadas em periódicos voltados ao público feminino. Além disso, por meio dessas revistas fica claro como a infância era um valor fundamental para a maternidade e a domesticidade feminina do final do século XIX e início do século XX, que deviam se pautar nas recomendações higienistas e em uma moral cristã que quase sempre

eram indissociáveis. Para, além disso, também fica claro que a imagem da mulher adulta era intimamente relacionada com a da criança. Se por um lado isto significava uma limitação para essas mulheres, que por serem consideradas incapacitadas (assim como as crianças) eram banidas do mundo público, por outro lado, esse acesso ao infantil por meio de um “brincar de boneca” com as filhas e filhos utilizando a indumentária e também os mais diversos trabalhos manuais, era uma possibilidade para a ação criativa por parte das mulheres que encontravam uma forma expressarem suas personalidades e de exprimir suas vontades, algo que lhes era constantemente negado em outros espaços e momentos.

Também é muito perceptível como a transformação das vestimentas infantis conforme o crescimento das crianças está intrinsecamente ligado a uma perda da inocência, que apesar de possuir um caráter negativo em comum, apresenta tonalidades muito diferentes para meninos e meninas. Enquanto que essa perda, representada pela retirada dos elementos femininos de ornamentação, se mostrava como algo necessário para adquirir virilidade entre os meninos, para as meninas se tratava de uma perda bem menos sutil e sem nenhum ganho, sendo apresentada como seres cada vez menos morais à medida que a barra de suas saias crescia. O final do século XIX se apresenta como a época em que o processo de construção dos gêneros na infância, sobretudo o da masculinidade, era mais lento e paulatino.

A transformação que começa durante o período da Primeira Guerra Mundial e que se estende até hoje, na qual as crianças são cada vez mais cedo submetidas a diferenciações por gênero pela indumentária, remete a uma forma de naturalização do binarismo de gênero na infância, que se torna cada vez mais crescente. A especialização das roupas das crianças no final do século XIX e início do XX apresentavam uma possibilidade de não serem totalmente homens nem totalmente mulheres até o fim do processo. A utilização de roupas cada vez mais semelhantes às adultas entre as crianças faz com que desde cedo já sejam totalmente identificadas dentro da divisão masculino-feminino. A análise das imagens demonstra como o vestuário constituiu e ao mesmo tempo é impactado pelos processos de construção da masculinidade e da feminilidade no final do século XIX e início do XX, elementos fundamentais da construção do “eu”, como coloca Miller. Ser bebê, menino ou menina, moça ou rapaz, senhor ou senhora necessariamente passava pelo vestir, e não necessariamente este seguia a mesma lógica dos períodos anteriores ou posteriores, o que mostra que este “ser” não é nada natural e é extremamente mutável.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BASSANEZI, Carla. Mulheres nos anos dourados. In.: PRIORE, Mary Del.(org.) **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo, Contexto, 1997.

BITTONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo, Editora Ática, 1986.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Por que a indumentária não é algo superficial. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 2013.

ROVERI, Fernanda. **A roupa infantil nas revistas destinadas às crianças (década de 1950)**: modos de educar os corpos de meninos e meninas. In: *IX Congreso Argentino y IV Latinoamericano de Educación Física y Ciencias*. 2014.

Recebido em 03/03/20 aceito para publicação em 07/04/20